

## "MARIA TUDOR", NO MUNICIPAL

Correio da Manhã

27-4-58

O fenômeno das óperas que desagradam na estreia, a ponto de constituírem um completo fiasco, para logo depois se soerguem na estima pública, tem sido bastante comum na história do teatro lírico. Basta citar os exemplos, na cena lírica italiana, das de Verdi — *La Traviata*, e de Puccini — *La Bohème*. Não é, evidentemente, o caso da *Maria Tudor*, do nosso Carlos Gomes. Segundo o libretista e compositor Brasílio Itiberê da Cunha, presente à estreia da *Maria Tudor*, no Scala, em 1878, houve, nessa primeira representação, um "quase fiasco". Depois, nas representações subsequentes, a ópera desagradou menos. Nunca fez grande carreira. Não falta, porém, quem a considere uma das melhores produções de Carlos Gomes. O maestro Salvatore Riberti cita, a respeito, a opinião do saudoso maestro Gino Marinuzzi, que se referia à *Maria Tudor* como a mais abandonada das partituras do mestre de Campinas e, no entanto, merecedora, talvez mais ainda do que as outras, de ser arrancada do esquecimento em que caiu.

A esse esquecimento o Teatro Municipal procurou subtraí-la, em um gesto louvável, levando-a à cena, depois de muitos anos de ausência, anteontem à noite, na quarta récita de assinatura da Temporada Nacional de Arte. Valha a nobre intenção dos dirigentes do Teatro Municipal. Não chegaremos, entretanto, ainda assim, a estabelecer, em definitivo, méritos e deficiências da partitura, concluindo que ela pode aspirar a um retorno mais freqüente ao repertório. Ao exame da obra, no papel, ressaltam páginas interessantes, como de início, a "romanza" de Giovanna: *Quanti raggi del ciel*, o dueto de Giovanna e Fabiani, ou, no último ato, a ária tão expressiva de Maria Tudor: *Oh mie notti d'amor*; ou, ainda, o dueto final de Maria e Giovanna: *Qui nell'ombra*. O Prelúdio do primeiro ato, por sua vez, ágil, em mi menor, começa por um tenuíssimo mas agudo desenho de semicolcheias — murmúrio que se expande dinamicamente até o fortíssimo, para ceder o lugar a vibrante tema oitavado. Abre-se, então, em mi maior, uma ampla página — *largo cantabile espressivo*, que o conclui, com uma certa emotividade delicada.

Essa ópera se mostra, pois, de algum modo, suscetível de valorizar-se, na prova de fogo da cena, para que então seja permitido dizer-se se ela se sustenta ou não, e se merece que os teatros, os maestros, os cenógrafos, os cantores, a crítica — e o público — nos ocupemos dela. Mas resulta talvez temerário afirmá-lo agora, com base na representação de anteontem, tanto essa récita estampou, de modo geral, uma fisionomia amadorística. Amadorismo, em arte, se

define, tecnicamente, por uma sensível inadequação e insuficiência de meios aos objetivos a que se visa. Em arte, aliás, como em tudo na vida. Já também, em arte, o amadorismo aplicado à criação — mas a ninguém ocorreria dizer que uma ópera de Carlos Gomes se confunde com trabalhos de amador. O espetáculo da *Maria Tudor*, sim, esteve algo distante do mínimo de requisitos que o teatro profissional exige, em matéria de arte do canto e da plausibilidade das atuações dramáticas.

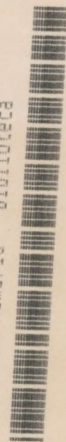
Regida pelo maestro Santiago Guerra, teve a ópera como intérpretes cantores o soprano Irmgard Müller Bianchi, o meio-soprano Nelly Mary, o tenor Roberto Mirandó, o barítono Lourival Braga, o baixo Newton Paiva, ainda, Nino Crimi, Marino Terranova, Loretta Lacce, Sérgio Napoli. Sobressairam, vocalmente, o soprano Irmgard Müller Bianchi, que foi a protagonista, e o barítono Lourival Braga, no Dom Gil. O soprano Irmgard Müller dispõe de bom material de voz, e enfrentou com denodo as situações de desempenho vocal que lhe exigiram fôlego robusto. Mas falta-lhe condicionar a voz, no canto, a um mecanismo fisiológico que lhe possibilite a emissão legato sem esforço, com uma economia de recursos capaz de lhe permitir, também, ao atacar notas fortes vibrantes, não obscurecer outras notas que se sucedem. A parte de soprano dramático da *Maria Tudor* talvez não seja a mais condizente com a verdadeira natureza da sua voz. Mas, de modo geral, pressionou bem, principalmente pelas possibilidades demonstradas, que cumpria levar a aproveitamento acertado. Falta-lhe uma certa flexibilidade, como cantora e como atriz, mas é de presença cênica harmoniosa. Distinguiu-se no elenco, onde, a seu lado só teve realce o barítono Lourival Braga, merecedor de louvores, como já de outras feitas tem ocorrido.

Não há, da récita, mais nada a dizer, se não quisermos agravar o quadro que aqui se esboça. Mas não deixou de haver ainda assim um detalhe cênico sugestivo naquela entrada dos bufões do terceiro ato. Um episódio insignificante a atrair as atenções! É que, na realidade, sempre distraiu um pouco.

Sabe-se que, de bastante tempo a esta parte, o Teatro Municipal tem sido rudemente provado, sofrendo as maiores vicissitudes da sua história. Para colocá-lo em boa ordem administrativa o prefeito nomeou responsável pelos seus destinos o sr. João Lima Pádua. Necessário, agora, que a ação saneadora se aprofunde na esfera artística, que é a do próprio Teatro, a fim de que os seus espetáculos subam de nível.

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

Centro de Memória - Biblioteca



CMUHE010170